

EDUCAÇÃO PARA SURDOS: INCLUSÃO NA ESCOLA E FILOSOFIAS EDUCACIONAIS

Juliana Fernanda Vieira Souza (1); Natan Severo de Sousa (1); Orlando da Silva Neto (2);
Urandy Alves de Melo (3);

(Universidade Estadual da Paraíba – julianafvs1@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba – natansb.letras@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba – silva.orlando47@hotmail.com; Universidade Estadual da Paraíba – urandyuepb@yahoo.com.br.)

Resumo: A presente pesquisa se propõe a discutir e analisar a inclusão escolar e as três filosofias educacionais para os surdos. São apresentados o que é, o por qual motivo e de que modo deve ser praticado a verdadeira inclusão escolar diferenciando os conceitos de integração e inclusão. Conjuntamente são examinados as definições e os objetivos das filosofias educacionais: Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo, destacando dentre elas o Bilinguismo por tratar a surdez como uma particularidade e não uma doença que possa comprometer o desenvolvimento do aluno, além de respeitar a sua língua materna que é a de sinais. A pesquisa foi realizada com os estudos bibliográficos dos teóricos Mantoan (2003), Goldfeld (2001), entre outros da área da educação para surdos. Pretendemos com o referido estudo contribuir com a valorização da inclusão escolar, a análise crítica das filosofias educacionais e a relevância do bilinguismo para a sala de aula. Considera-se, assim, sua importância na educação para surdos por abordar questões de cunho inclusivo, o aprimoramento de metodologias que respeitem suas características e o reconhecimento do bilinguismo pela sua eficácia em atender e aceitar o aluno compreendendo suas necessidades e limitações.

Palavras-chave: Educação Surda; Inclusão; Filosofias Educacionais; Bilinguismo.

INTRODUÇÃO

Nos estudos relacionados a educação surda é primordial a discussão sobre inclusão e filosofias educacionais para proporcionarem melhorias no sistema educativo para os alunos surdos que muitas vezes sofrem nas escolas por metodologias e inserção inadequadas, sendo assim prejudicado como aluno e ser social.

A “integração” e a “inclusão” são conceitos com objetivos e teóricos-metodológicos diferenciados que inserem o aluno surdo na escola de formas distintas, onde apesar das suas estreitas semelhanças são evidentes entre elas resultados adversos que provocam transformações e inovações nas escolas regulares que acolhem o aluno surdo.

As filosofias educacionais foram procedimentos aplicados com técnicas diferentes que analisavam o desenvolvimento dos surdos no seu contexto social, linguístico e cognitivo, que deixaram algumas consequências por sua radicalização em objetivos que colocavam o surdo em desconforto. O Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo são as filosofias educacionais

que marcaram épocas e com as suas análises críticas serviram para atender, respeitar e aceitar as limitações e necessidades do portador da surdez.

Para o Bilinguismo seu propósito é defender a naturalização da surdez tendo ela como uma particularidade que não compromete o desenvolvimento do indivíduo, além de respeitar a língua materna do surdo que é a de sinais adquirida por si próprio em suas relações sociais.

1 ENTENDENDO A INCLUSÃO NA ESCOLA

A inclusão na escola é promover a diversidade inserindo diferentes realidades no mesmo espaço sem subdivisões que criam paradigmas por imposição de uma padronização. É assim, portanto, unir as diferenças no modelo educativo que não classifique e isole os indivíduos. De acordo com Mantoan (2003, p.13-14):

Os sistemas escolares também estão montados a partir de um pensamento que recorta a realidade, que permite dividir os alunos em normais e deficientes, as modalidades de ensino em regular e especial, os professores em especialistas nesta e naquela manifestação das diferenças. [...] Se o que pretendemos é que a escola seja inclusiva, é urgente que seus planos se redefinam para uma educação voltada para a cidadania global, plena e livre de preconceitos e que reconheça e valoriza as diferenças. (MANTOAN, 2003, p. 13-14)

Na nossa temática discursiva que é Educação para Surdos podemos constatar, infelizmente, que ainda é utilizado do modelo educativo que separa os alunos ouvintes e não-ouvintes em salas regulares e especiais não oportunizando uma inclusão por considerar a surdez como uma patologia que não acompanha o mesmo intelectual dos ouvintes. Deste modo, os alunos surdos, na maioria das vezes são excluídos e julgados como seres incapazes, mas como já é comprovado a particularidade do deficiente auditivo não interfere no seu desenvolvimento. A escola inclusiva é responsável em colocar juntas as diferentes realidades buscando para elas alternativas de ensino-aprendizagem que não desmereça nenhum deles e beneficie a todos por igual.

A razão de inclusão na escola é transformar o modelo educacional inovando em pressupostos que atendam as dificuldades das diferentes realidades, dispondo assim de uma educação para todos de forma igualitária, onde proteja os alunos de classificações e barreiras em englobar-se.

[...] Para trans-formar a escola nos autorizam a propor uma escola única e para todos, em que a cooperação substituirá a competição, pois o que se pretende é que as diferenças se articulem e se componham e que talentos de cada um se sobressaiam. [...] que as escolas públicas e particulares se obriguem um esforço de modernização e de reestruturação de suas condições

atuais, afim de responderem às necessidades de cada um de seus alunos, em suas especificidades, sem cair nas malhas da educação especial e de suas modalidades de exclusão. (MANTOAN, 2003, p. 29 -30)

Um dos maiores desafios na escola atual é usar do nome “especial” para uma exclusão disfarçada, na maioria das vezes são os deficientes ditos “especiais” que são individualizados ou se unem a uma turma apenas de alunos “especiais” apontado pela escola como uma melhoria para eles. Mas, para um termo real de “especial”, definimos que é atender o que o aluno tem de especial que seria sua diferença dos demais, atribuindo a ele formas que valorizem sua especialidade e não o diminua e o separe dos “normais”.

Praticar a inclusão é uma radicalização completa na escola com tarefas que deixam a todos inseguros sobre seus futuros resultados, mas que devem ser sempre lembrados por apresentar condições favoráveis para todos seus alunos que se tornarão dali cidadãos, “sair da zona de conforto” é o que impede a despadronização nas escolas que é sustentada há anos por um mesmo sistema.

Mudar e escola é enfrentar muitas frentes de trabalho, cujas tarefas fundamentais, ao meu ver, são:

- Recriar o modelo educativo escolar, tendo como eixo o ensino para todos.
- Reorganizar pedagogicamente as escolas, abrindo espaços para que a cooperação, diálogo, a solidariedade, a criatividade e o espírito crítico sejam exercitados nas escolas, por professores, administradores, funcionários e alunos, porque são habilidades mínimas para o exercício da verdadeira cidadania.
- Garantir aos alunos tempo e liberdade para aprender, bem como um ensino que não segrega e que reprova a repetência.
- Formar, aprimorar continuamente e valorizar o professor, para que tenha condições e estímulo para ensinar a turma toda, sem exclusões e exceções. (MANTOAN, 2003, p. 33)

O êxito pós realização do confronto que busca uma escola para todos é reconhecer e valorizar as diferenças trabalhando em conjunto com elas e para elas, permitindo a construção coletiva do conhecimento e gerando uma comunhão entre todos da escola.

1.1 Inclusão x Integração: Definições e Diferenças

Os temas de inclusão e integração são ainda confundidos pelas suas meras semelhanças, que aliás, são completamente adversas na sua definição e prática, principalmente no espaço escolar. A comparação entre elas acontece devido a distorção de alguns modelos educativos que diz “incluir”, mas que apenas “integra” seus alunos com diferenças na escola.

A integração escolar pode ser entendida como o “especial na educação”, ou seja, a justaposição do ensino especial ao regular, ocasionando um inchaço desta modalidade, pelo deslocamento de profissionais, recursos, métodos e técnicas da educação especial às escolas. Quanto à inclusão, esta questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e da regular, mas também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, pois prevê a inserção na escola de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular. (MANTOAN, 2003, p. 16)

Resumindo, as práticas de integração e inclusão, são desassociadas quando no “integrar” é colocar em uma “sala especial” os alunos com as mesmas características/diferenças afastando-se dos demais, já o “incluir” é unir todos os alunos com suas diferenças na mesma sala. Na integração, além de afetar a inserção do aluno no social, é gerado um preconceito por entender-se que eles precisam “viver” separados.

Na educação para surdos, podemos exemplificar as práticas mais vistas desses dois modelos de inserção do seu aluno na escola:

- Prática do modelo inclusivo: O aluno surdo está presente na sala regular junto aos demais estudantes recebendo o atendimento necessário pela sua particularidade, ou seja, um intérprete de libras o acompanha. Desta forma, o aluno é incluído na escola e auxiliado de formas que respeitem suas necessidades e o coloque de modo igualitário aos demais alunos.
- Prática de modelo integrado: Os alunos “normais” estão em salas de aulas regulares e os alunos surdos estão em sala de aula “especial” compartilhada ou não com outros estudantes que tenham sua mesma limitação, salas geralmente distantes umas das outras e com profissionais que dizem ser especializados naquela incapacidade. O aluno está integrado na escola, mas excluídos dos demais alunos, sendo julgado com incapaz de acompanhar outras salas de aula.

2 FILOSOFIAS EDUCACIONAIS: ORASLIMO, COMUNICAÇÃO TOTAL E BILINGUISMO

Foi no século XVI que se deu início os estudos sobre educação para surdos com o surgimento dos primeiros educadores interessados na área, apontado como iniciador o italiano Girolamo Cardano, as metodologias utilizadas na educação para surdos foram sendo mudadas com o decorrer do tempo que se constituam em processos de oralização, códigos visuais e

línguas de sinais. As principais marcas na história da educação para surdos foram a partir dos teóricos: Cardano, Ponde de Leon, L'Epée e Heinick.

As filosofias educacionais são apresentadas por GOLDFELD (2003, p.89) como “análise centrada na aquisição da linguagem e desenvolvimento cognitivo sob o enfoque interacionista”. Examinaremos, assim, as três filosofias educacionais: Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo evidenciando sua explicação e objetivos.

2.1 Filosofia Educacional: Oralismo

A filosofia educacional oralista teve como princípio instruir o surdo a oralizar, para que assim ele pudesse ser incluído na comunidade, são utilizados neste processo metodologias que forçavam o surdo a língua oral e não respeitavam suas limitações.

O ensino da língua oral para o surdo, como a própria palavra “ensino” já demonstra, não ocorre naturalmente. [...] O atendimento baseado no Oralismo, isto é, o aprendizado da língua oral de forma sistematizada e ao longo de muitos anos, não garante pelo desenvolvimento da criança surda e nem sua integração na comunidade ouvinte, já que apenas o domínio dessa língua, e hipótese alguma possibilita a equiparação entre pessoas surdas e ouvintes. (GOLDFELD, 2001, p. 89-90)

Em 1880, no Congresso Internacional de Educadores para Surdos, uma votação baniu o uso de língua de sinais e definiu unicamente o oralismo com sua língua oral como o método que deveria ser ensinado. Mas, em 1970, William Stokoe, apresentou a língua de sinais com princípios iguais a qualquer outra língua.

Para os defensores do Oralismo, principalmente o teórico Alexander Graham, a única maneira do surdo ser bem-sucedido e pertencer a comunidade era oralizando, onde se colocavam ainda mais em evidencia sua deficiência.

2.2 Filosofia Educacional: Comunicação total

A filosofia da comunicação total permitia a utilização de qualquer recurso que o surdo usasse para se comunicar, facilitando assim sua comunicação com a comunidade ouvinte e surda. Na comunicação total é pregado a surdez como uma característica do ser e não uma doença, promovendo assim uma melhor aceitação, como não era visto na filosofia oralista.

Uma das grandes diferenças entre a Comunicação total e as outras filosofias é o fato de a Comunicação Total defender a utilização de qualquer recurso linguístico, seja a língua de sinais, a linguagem oral ou códigos manuais, para facilitar a comunicação com pessoas surdas. A Comunicação Total, como o

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

próprio nome diz, privilegia a comunicação e a interação e não a penas a língua (ou línguas). (GOLDFELD, 2001, p.40)

Na Comunicação Total está inserido o Bimodalismo que é caracterizado como códigos que representam em forma espaço-viso-manual uma língua oral, favorecendo ainda mais a comunicação entre surdos e ouvintes, seu ponto negativo foi a aglomeração desses códigos.

2.3 Filosofia Educacional: Bilinguismo

Na filosofia educacional do Bilinguismo seu maior proposito é reconhecer o surdo como bilíngue por possuir sua língua materna a de sinais e sua segunda língua a do seu país. Das filosofias, é o bilinguismo que proporciona para o surdo a maior acessibilidade em incluir-se socialmente respeitando seu grupo próprio cultural e linguístico.

O bilinguismo tem grande mérito de divulgar e estimular a utilização de uma língua, que pode ser adquirida espontaneamente pelos surdos, a língua de sinais, bem como sua cultura. Somente pela exposição a essa língua a criança surda pode desenvolver-se linguística e cognitivamente sem dificuldades. [...] Os surdos engajados em sua comunidade participam então de duas culturas, a surda e a ouvinte. Mesmo os surdos que não dominam a língua oral participam em algum nível da comunidade ouvinte, já que estão inseridos nela. (GOLDFELD, 2001, p. 108-110)

A casa é nosso maior espaço de convivência e por isso a família tem papel importantíssimo na aprendizagem também da língua de sinais para que assim possa se comunicar melhor com o surdo. Deste modo, ambos conhecendo a língua de sinais, facilita no processo de comunicação que cumpre com a necessidade do surdo.

3 O BILINGUISMO NA ESCOLA

Como falado anteriormente, o bilinguismo é a filosofia que mais respeita as condições do surdo, proporcionando para ele recursos da sua língua materna de sinais e sua segunda língua a oficial do seu país. Mesmo sendo o método que proporcione melhores benefícios para o surdo ela ainda é escassa tanto socialmente como na educação.

Em relação à educação, é muito raro encontrarmos escolas que utilizem a língua de sinais em sala de aula. O que ocorre em muitos casos é que os alunos conversam entre si pela língua de sinais, mas as aulas são ministradas em português, por professores ouvintes que não dominam a Libras, o que praticamente impossibilita a compreensão por parte do aluno. (GOLDFELD, 2001, p. 45-46)

As escolas devem oferecer serviços que atendam às necessidades de todos seus alunos, oportunizando por igual o conhecimento, além de praticar a inclusão para não excluir o aluno portador de alguma carência.

Na educação para surdos, as escolas mesmo ao incluir o aluno surdo, as suas metodologias ainda não atendem de maneira que oportunize condições favoráveis para seu ensino e aprendizagem. O aluno surdo é incluído sob os aspectos do aluno ouvinte, todavia, mesmo que suas diferenças não afetam seu desenvolvimento intelectual é necessário que o surdo receba da escola metodologias adequadas para com ele.

A escola que busca fielmente o desenvolvimento e inclusão do surdo como aluno deve apresentar condições que valorizem sua insuficiência auditiva com métodos especializados onde o aluno surdo esteja unido a sua cultura e possa crescer como estudante e futuro cidadão.

O recurso essencial que a escola deve possuir é um intérprete em libras que auxilie o aluno nas suas aulas em sala, no qual ao acompanhá-lo o intérprete repassa as informações orais dadas pelos professores em sinais para o surdo.

Na escola o apoio do intérprete é importante sendo que à vista disso o aluno consegue acompanhar por igual os demais alunos. O recurso que faz parte do intérprete da língua de sinais em sala junto ao aluno surdo pertence a filosofia educacional do bilinguismo por promover com naturalidade ao portador da surdez o convívio com sua cultura da língua materna de sinais.

METODOLOGIAS

A pesquisa foi ancorada em uma revisão bibliográfica, sustentada pelas teóricas Manton e Goldfeld, escritoras contemporâneas da área de educação que buscam melhorias para com o portador da surdez no espaço escolar contribuindo com suas discussões um olhar a mais para a cultura surda, conseqüentemente a notoriedade da educação surda.

De modo qualitativo, a pesquisa, abrange as metodologias mais encontradas em escolas no processo de integração e inclusão da educação surda com alternativas de recursos adequados e incentivos para o aluno surdo frequentar a escola.

RESULTADOS E DISCURSSÃO

Com os estudos acerca dos assuntos que se introduzem na educação surda pretendemos contribuir com a valorização da inclusão na escola, a análise crítica das filosofias educacionais e a importância do bilinguismo em sala de aula.

Resultando em discussões e reflexões sobre essa minoria que deve ser pertencente ao espaço escolar, impulsionando a escola a conhecimentos a respeito da desagregação dos

sentidos de inclusão e integração, as definições e consequências das filosofias educacionais e o método do bilinguismo em sala de aula que proporciona para surdo o atendimento a sua necessidade com a assistência do interprete de libras.

A maior intenção é naturalizar a surdez, tratando-a como uma característica e não patologia do ser, inserindo o indivíduo surdo no espaço escolar e na sociedade com as mesmas oportunidades de qualquer outro cidadão.

CONCLUSÕES

O trabalho prestado tem o propósito de oferecer uma vida normal ao surdo, principalmente no seu espaço escolar, a partir dessas reflexões obter discussões e resultados que o auxiliem na sociedade respondendo as suas necessidades.

A pesquisa é voltada ao reconhecimento do surdo na comunidade, em razão de muitos viverem confinados em seus lares impossibilitados de possuir relações com o mundo, como assim pode ser presenciado na escola com o pequeno número de alunos surdos que não são compatíveis ao número de surdos que precisam estar na escola.

Que a partir dessas análises seja possibilitado para o surdo melhorias nas suas condições de inclusão e quanto aluno no espaço escolar, ofertando avanços na sua qualidade de situações sociais, cognitivas e linguísticas.

REFERÊNCIAS

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda. Linguagem e Cognição Numa Perspectiva Sócio – Interacionista**. São Paulo: Plexus Editora, 2001.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como se fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.